

## JEAN LAPLANCHE: A OMELETE E O SEIO

O PSICANALISTA FRANCÊS LEVA ADIANTE AS INVESTIGAÇÕES FREUDIANAS SOBRE A SEXUALIDADE HUMANA, ENVOLVENDO O OBJETO-FONTE DE DESEJO NUM VIÉS INTERSUBJETIVO E SOCIAL

*por José Moura Gonçalves Filho*

### O REI E A OMELETE

Era uma vez um rei que chamava de seus todo poder e todos os tesouros da Terra, mas apesar disso não se sentia feliz, e a cada ano se tornava mais melancólico. Então, um dia, mandou chamar seu cozinheiro predileto e lhe disse:

– Por muito tempo tens trabalhado para mim com fidelidade e me tens servido à mesa as mais esplêndidas iguarias, de modo que te sou agradecido. Porém, desejo agora uma última prova do teu talento. Deves me fazer uma omelete de amoras igual àquela que saboreei há cinqüenta anos, em minha mais tenra infância. Naquela época meu pai travava guerra contra seu perverso inimigo a oriente. Este acabou vencendo, e tivemos de fugir. E fugimos, pois, noite e dia, meu pai e eu, através de uma



© Frédéric Huijbers/Corbis - LatinStock

JEAN LAPLANCHE DÁ UM NOVO ESTATUTO AO OBJETO DE DESEJO E OPERA UMA REVIRAVOLTA NA TEORIA DA SEDUÇÃO FREUDIANA COM A NOÇÃO DE "MENSAGENS ENIGMÁTICAS", QUE O LEVA A REEXAMINAR O CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA

floresta escura, onde afinal acabamos nos perdendo. Nela vagamos e estávamos quase a morrer de fome e fadiga, quando, por fim, topamos com uma choupana. Aí morava uma velhinha que amigavelmente nos convidou a descansar, tendo ela própria, porém, ido se ocupar do fogão. Não muito tempo depois estava à nossa frente a omelete de amoras! Mal tinha levado à boca o primeiro bocado, senti-me maravilhosamente consolado, e uma nova esperança entrou em meu coração. Naqueles dias eu era muito criança e por muito tempo não tornei a pensar no benefício daquela comida deliciosa. Já era rei quando mais tarde mandei procurá-la, vasculhei todo o reino, não se achou nem a velha nem qualquer outra pessoa que soubesse preparar a omelete de amoras. Agora, quero que atendas este meu último desejo: faze-me aquela mesma omelete de amoras! Se o cumprires, farei de ti meu genro e herdeiro de meu reino. Mas, se não me contentares, deverás morrer.

Então o cozinheiro disse:

– Majestade, podeis chamar logo o carrasco. Conheço, é verdade, o segredo da omelete de amoras e todos os seus ingredientes, desde o trivial agrião até o nobre tomilho. Sei empregar todos os condimentos. Sem dúvida, há também o verso mágico que se deve recitar ao bater os ovos, e sei que o batedor de madeira de buxo deve ser sempre girado num só sentido. Contudo, ó rei, terei de morrer! Minha omelete não vos agradará ao paladar, jamais será igual àquela que vos veio pelas mãos da velhinha. Pois como haveria eu de temperar a coisa com aquilo tudo que nela desfrutastes e que vos deixou, senhor, a impressão inesquecível? Faltará o perigo da batalha e o seu picante sabor, a proximidade do pai na floresta desorientadora, a emoção e a vigilância do fugitivo perdido. Não será omelete comida com o sentido alerta do perseguido. Não terá o descanso no abrigo estranho e o calor do fogo amigo, a doçura da inesperada hospitalidade de uma velha. Não terá o sabor do presente incomum e do futuro incerto.

Assim falou o cozinheiro. O rei, porém, calou um momento, e não muito depois consta haver dispensado dos serviços reais o cozinheiro, rico e carregado de presentes.

Desde 1997, no caminho de aulas ou grupos dedicados ao estudo de Jean Laplanche, tenho sempre tomado esse conto benjaminiano como uma estação importante. A versão de que nos valemos acima foi livremente estabelecida a partir de duas traduções brasileiras: “O rei e a omelete” (*Folha de S. Paulo*, Folhetim 22/1/1984) e “Omelete de amoras” (em *Rua de mão única*).

Começa o conto e estamos imediatamente na presença de um rei triste. Um rei melancólico, embora imaginasse tudo seu. Terminado o conto, somos alertados sobre a tristeza do rei e há uma inversão: era um rei por demais triste justamente porque imaginava tudo seu. Era um rei tão desolado porque enganado: imaginava a coisa amada como coisa que se pode encontrar e comer. Tomava objeto de desejo como objeto de consumo e não atinava com a diferença. O que é mais nosso é coisa que não podemos

possuir. Ou, dizendo melhor: o que mais possuímos é o que mais nos escapa. É mistério. Não é o que manjamos. Propriedade e mistério são coisas que Walter Benjamin nunca cansou de aproximar: os tesouros muito estimados são cheios de surpresas e segredos, trazendo mais do que podemos inventar, envoltos por aquela aura que os torna sagrados. Inesgotáveis. Inesquecíveis.

Aquilo que mais caramente pertence ao rei é aquilo que o excede. Isso que é mais do que o rei: isso é seu! E porque é maior que o rei, a coisa que pertence ao rei é, afinal, coisa a que o rei pertence. A coisa preciosa nos tem a nós mais do que nós a temos.

Possuir não é dominar. Possuir é ser possuído: a coisa possuída atrai e impele o possuidor. A coisa que queremos possuir sem poder, que queremos comer sem consumir, cavou em nós uma estranha fome. Fome de um estranho alimento, que seguiu íntegro depois de alimentar. Fome estranha que não se saciou, mas cresceu depois de servir-se do alimento. Fome que partiu não do estômago, mas do alimento. Essa fome que não é fome e que carrega todas as nossas fomes merece nome próprio: chama-se desejo. E esse alimento que não é alimento foi o que Jean Laplanche chamou objeto-fonte do desejo, para asseverar que o desejo tem seu começo não dentro, mas fora de nós, aquém e além de nós, como a omelete de amoras.

Possuir não é dominar, tampouco é esgotar pelo conhecimento. A coisa possuída é inexaurível para o pensamento. Quando o desejo faz pensar, o pensador não pensa como quem quer conhecer exaustivamente. Não pensa como quem disseca, pensa como quem ama. Já se ouviu Fernando Pessoa: "O que em mim sente, está pensando."

A coisa amada arrebatava. Tornou possuído o possuidor e pode descambar. A coisa que fomenta desejos é de tal modo desconcertante que merece atenção. É coisa que a gente tem de pensar. Apaixonado, o rei sem pensar, dominado pela omelete, não hesita também dominar: siderado pela coisa perdida, é empurrado para a tristeza grossa e não hesita a ameaça de morte contra quem não o satisfaça. A tirania vem da coisa amada quando a gente não sentiu seu enigma, não se espantou, nem pensou nela, não viu a coisa com detalhe, não viu de perto e de longe, não conversou, não ouviu ninguém, deixou a coisa sem interrogação e nada interpretou. Nessa circunstância é que a coisa, por assim dizer, pega fogo e fulmina: a coisa sem alguma tradução, sem vozes que enfrentem suas charadas, arrasta a gente e quem se interponha entre nós e o desejo.

Um rei melancólico. Melancolia é luto, perda de coisa ou alguém, perda acompanhada de infinito pesar. Mais radicalmente: melancolia é luto que não passa. É luto exagerado e mórbido. É dura pena que o enlutado não esquece e que o tempo só faz crescer. O rei anseia pelo alimento que o pudesse consolar e, como uma vez atrás, devolver-lhe a esperança ao coração. Mas nada de encontrar o alimento maravilhoso ou quem lhe pudesse prepará-lo. A omelete perdida só fazia agravar a tristeza do rei tão triste.

Impressionantes os poderes da coisa, a omelete de amoras. Marcou irresistivelmente a memória do rei e, cinquenta anos depois, ainda é lembrada. O que marcou antes o príncipezinho, marca ainda depois. Digamos melhor: marca mais, fascinando e até desvairando o rei: o cozinheiro que não seja capaz da mesmíssima omelete vai morrer!

O rei está ligado à imagem da omelete como ao mero alimento e quase fetiche: coisa mágica que, consumida, transmitiria sua magia ao comensal. O cozinheiro contém a chave do drama e o vai desvelar. A omelete de amoras é feita do que se faz, mas também do que excede todos os fazeres. Na coisa conta aquilo que um cozinheiro, por seu trabalho e conhecimento, pode nela aplicar. Contam agrião, tomilho e ovos, sem falar as amoras. Contam as maneiras costumeiras e as especiais de empregar os condimentos todos. Contam o instrumento de girar e os modos certos de bater a massa. Conta até mesmo aquilo de que o cozinheiro, também mago, é capaz: os versos encantados! Mas tudo isso, a omelete acertada e mágica, não bastaria para o paladar do rei, não igualaria a omelete encarecida.

A omelete do rei era também feita do que o fazer não faz. A omelete sagrada, mais do que mágica, era feita do que se faz, mas também do que está aquém e além das fabricações. As finas teias, ligando delicadamente a omelete a uma situação inteira, ligando o príncipe aos outros e ligando decisivamente a outrem, ligando à guerra e ao pai, ligando à floresta e à velha, ligando ao gesto culinário e feiticeiro, mas também ligando à cozinheira e feiticeira, isso era o que tornava poderosa a coisa. A omelete retirava os seus poderes não de si própria, mas de sua situação e ligações: era, mais que uma coisa, um signo forte, uma coisa capaz de resumir circunstâncias e laços que a incluíam e ultrapassavam.

As palavras inesperadas do cozinheiro, sua atenção para situações e circunstâncias, para ligações e laços, foram o que calaram fundo o rei. Espírito e coração então desapegados, desprendidos da coisa obsedante, foram devolvidos à coisa calma e apenas querida. E foi com a liberdade que as palavras livres do cozinheiro foram recompensadas, dispensado da servidão dos palácios. Chego a imaginar outro final para a história feliz. Imagino o rei aliviado do que o amarrava ao passado pessoalíssimo e disposto para outras pessoas. Vai então virar-se para o cozinheiro dileto e dizer-lhe: "Faze-nos então tua omelete e comemoremos agora essa nova hora, em que tu, devolvendo-me mais nitidamente ao que é meu, me háis libertado de mim mesmo e me trazido para os outros!"

### LAPLANCHE E O FREUDIANO

Neste capítulo, não pretendo senão formar um convite à leitura de Jean Laplanche. Por diversos pontos podemos encontrá-lo e muito aproveitar. Menciono só alguns.

Laplanche é psicanalista, cuja pesquisa devemos incluir entre as mais capazes de nos propor uma idéia substanciosa e clara do projeto freudiano, seu alvo, sua originalidade e

alguns de seus impasses mais instigantes. A respeito do alvo e originalidade freudianos diga-se ao menos o seguinte: Laplanche assevera reiteradamente qual seja o fenômeno-alvo das pesquisas freudianas, a sexualidade humana, desde que estejamos bem alertados para a alteração que o fenômeno conheceu em extensão e em determinação.

Em extensão: a sexualidade, desde Freud, precede e excede genitalidade, podendo abranger atividades e formas de prazer ou angústia que podem estar polarizadas pelos lábios, pelos olhos, mãos ou músculos, podem estar polarizadas por imagens e palavras, por lembranças e sonhos. As atividades todas ligadas ostensivamente à conservação da vida (alimentação, respiração, excreção, percepção...), mas também aquelas atividades desinteressadas (a atenção, o pensamento, a conversa, a fruição de beleza ou da mera aparição e aparência das coisas todas e pessoas...), tudo pode valer como apoio para o desdobramento de processos sexuais. De tal modo que, deflagradas as ondas eróticas, nós facilmente nos veremos menos na contingência de quem come ou pensa para viver do que na condição de quem come ou pensa para desejar.

Em determinação: a sexualidade humana ligou-se irreversivelmente, com Freud, à fantasia e ao terreno das imagens tenazes e mais influentes. Desde então, põe-se logo, com o mesmo Freud, o problema relativo à origem das imagens sexualmente carregadas. Imagens de dentro ou de fora? Imagens endógenas ou intersubjetivas? Imagens filogenéticas ou históricas e biográficas? E os processos sexuais, em Freud, foram mais aparentados aos sonhos do que ao psiquismo sóbrio e vigilante. Estão entre as mais indispensáveis contribuições freudianas as descrições e discussão das operações oníricas, o trabalho do sonho, muito especialmente o que Freud chamou deslocamento e condensação e, mais geralmente, o que descreveu como “processos primários”. Para dizê-lo outra vez, mas de modo diferente: deflagradas as ondas eróticas, nós nos veremos menos na contingência de “quem come como quem come” do que na situação de “quem come como quem sonha”; menos na contingência de “quem pensa como quem pensa” e mais na condição de “quem pensa como quem sonha”. A condição de quem vive menos para viver do que para sonhar, desejar e amar.

### **O DESEJO, FOME ALTERADA**

Da pesquisa laplanchiana, salta aos olhos também a maneira apuradíssima e muito fecunda pela qual diagnosticou (inicialmente ao lado de Jean-Bertrand Pontalis, no imprescindível *Vocabulário de psicanálise*, de autoria dos dois), e depois ousou resolver alguns daqueles nucleares impasses deixados pelas escavações freudianas. Por exemplo, e para não nos afastarmos demasiadamente do pouco que pudemos dizer neste capítulo, basta evocar o seguinte: Jean Laplanche busca sustentar um começo intersubjetivo para a sexualidade humana, sem descrevê-la no indivíduo isolado, à maneira de um impulso endógeno.

Em Laplanche, o começo do desejo não é endógeno, mas social. Na fonte do desejo encontramos um objeto exterior (o seio, por exemplo), sempre um objeto atravessado por valores intersubjetivos, objeto que carrega mensagens dos outros humanos, um signo do mundo inter-humano que, quando interiormente adotado (a imagem do seio), age como disparador de impulsos sexuais. No conto benjaminiano, já o sugerimos, a omelete de amoras corresponde ao que, em Jean Laplanche, é o objeto-fonte de desejo.

Podemos vislumbrar como se irá aqui empregar o termo “fantasia”. Com Jean Laplanche, devemos apontar a sexualidade humana como um fenômeno simbólico, um fenômeno eminentemente intersubjetivo (processo disparado em cada humano pela companhia e visita dos outros humanos) e um fenômeno que, uma vez deflagrado, empenha a imaginação do indivíduo. Fantasia, em Laplanche, designa certo signo inscrito e reinscrito na alma humana, trazido do meio dos outros, assumido e recriado pelo sujeito exposto a outrem.

A formação do seio como objeto de desejo implica a passagem de trocas “metabólicas” (entre organismo e ambiente) para trocas propriamente “simbólicas” (que encontram apoio na inclinação que temos para viver coisas como signos, mas que sobretudo se apóiam em nossa exposição às mensagens dos outros humanos).

O objeto sexual não é simplesmente encontrado na natureza, mas forma-se na cultura. O seio, como a omelete de amoras, não é redutível a um objeto de metabolismo orgânico (seio que oferta leite, leite que é objeto para a fome). O latente encontra no seio um objeto simbólico – e o seio é mais que um símbolo do leite, simboliza o leite oferecido à criança por outrem, simboliza a oferenda dos outros, torna-se objeto não da fome natural, mas de uma outra fome, torna-se objeto de desejo.

A mãe, ao oferecer o seio, oferece o leite e a si mesma (oferece esperanças e receios sobre sua vida ou sobre seu filho), oferecendo também um mundo (qualidades ou valores culturais, maneiras sociais de ser no mundo). O aleitamento é a oferta de bens vitais e, especialmente, de bens simbólicos, mensageiros de um mundo pessoal, social e histórico. O adulto oferece mensagens à criança: mensagens que formam e animam o desejo, informam a curiosidade, a imaginação, o sentimento, o pensamento e a ação da criança. São mensagens que, ao mesmo tempo, entusiasmam e podem angustiar.

A fome caracteriza um estado temporário de carência fisiológica, um desequilíbrio tecidual e que mobiliza a criança, compelindo-a para a busca de um objeto adequado. A carência, a desordem orgânica, uma vez suprimida, traz a vivência de *satisfação* – é quando a criança encontra o objeto e dele se serve, consumindo-o. Já o desejo, esta fome alterada, deflagrada pela memória de um objeto intersubjetivo, caracteriza um estado também mobilizador, mas desta vez compelindo à busca não de um objeto qualquer, e sim de um signo forte. O objeto simbólico, uma vez encontrado, traz não a satisfação de

uma carência (o preenchimento de um vazio orgânico, a supressão de um desequilíbrio fisiológico): traz o que devemos descrever e definir como insaciável fruição erótica.

Nenhum objeto natural pode corresponder ao desejo da criança ou do adulto, a não ser ingressando na situação inter-humana e nela assumindo valores mais ou menos compartilhados. O rei pretendia reencontrar a omelete do seu desejo. Acreditou que bastaria empenhar-se na busca de uma omelete qualquer, que seria obtida pelo talento culinário de um cozinheiro predileto. Enganou-se. O cozinheiro advertiu-o sobre a confusão: o objeto do desejo não é objeto que se possa reencontrar fora de situação inter-humana, como aquela por que foi originalmente *informado* (“formado de fora para dentro e formado por dentro”). Este engano e esta confusão são fatores presentes também naquilo que designamos de “consumismo”. De um ponto de vista psicanalítico, a compulsão consumista (sempre seguida de frustração ou decepção) assenta-se na perseguição de bens de consumo como objetos de desejo, ou na perseguição de objetos de desejo como bens de consumo. O objeto de desejo não é objeto de consumo tanto quanto de fruição. A fome do homem, a mais funda, é menos “natural” que “sobrenatural”. O objeto “sobrenatural” passa para a subjetividade como fantasia – imagem erótica e erotizante, objeto-fonte de impulsos e de enredos biográficos.

O objeto sexual marca a memória como objeto fantástico difícil de reencontrar. O ser humano é sensível ao outro humano, responde imediatamente a outrem. As crianças, se dos metabolismos caem no erotismo, é porque foram tocadas pelo condão dos outros. A criança, informada pelo objeto intersubjetivo e subjetivo, tende entretanto ao desapontamento: toda vez que uma coisa se lhe apresentar, não parecerá facilmente casada com seus anseios. A criança muito pequena tende a experimentar desamparo e falta de comunicação com o mundo. Logo que começa sua experiência sexual, encontra-se como que absorvida e orientada por objetos demais biográficos, encontra-se pouco disponível para o impacto de um mundo demais estranho. A sexualidade infantil assume, então, um caráter mais centrípeto do que centrífugo, orienta-se antes pela fantasia do que pela realidade: a criança não recusa o mundo, não abandona a abertura para o mundo, mas precisa experimentar a receptividade do mundo aos seus anseios subjetivos. Um mundo que não lhe fosse receptivo, obrigando-a abruptamente a haver-se com o estranho, seria sentido como um mundo ofensivo, invasor, um mundo inibidor ou rompedor da imaginação, e que forçaria precocemente a experiência de alteridade. O objeto sexual, encontrado como objeto intersubjetivo e que se internaliza como objeto subjetivo difícil de reencontrar na realidade, repuxa a criança para a fantasia. A criança, ao perder o objeto em torno do qual se articulou uma vivência simbólica erotizante (o seio, a omelete), vê-se como que capturada, possuída, arrebatada pela fantasia.

### LAPLANCHE E LACAN: DIVERGÊNCIAS

Para Laplanche, os sinais que nos chegam dos outros, chegam-nos mais ou menos enigmáticos, inspiradores e intrigantes, encantadores e perturbadores, desorientando e orientando. Quanto mais enigmáticos, tanto mais angustiantes. Reclamam tradução, representam uma exigência de interpretação: disparam impulsos coercitivos e que correrão por caminhos livres ou amarrados de tradução e interpretação. A noção laplancheana de “mensagens enigmáticas” está entre as mais inspiradas idéias de psicanálise e formou-se a partir de uma originalíssima retomada e fundamental modificação da teoria freudiana da sedução. Quem cuide de apurar esse ponto só irá ganhar. Digno de nota é o modo tão particular e frutífero com que o psicanalista então reviu o fenômeno-chave que chamamos “transferência”.

Como assinalamos, ele recusa um princípio endógeno para a sexualidade humana. Mas tampouco liga as formas ou organizações libidinais a esquemas binários da linguagem ou da cultura. Jean Laplanche é um psicanalista francês que, todavia, não se orientou pelo estruturalismo lingüístico ou etnológico. Sobre dois pontos é que talvez mais vibre a distância entre Laplanche e Lacan: o inconsciente, no primeiro, é tomado “como uma linguagem, porém não estruturado”, enquanto no segundo a fórmula conhecida é de que o inconsciente é “estruturado como linguagem” (uma estrutura, tal como para Lévi-Strauss, regida pelo primado puro do significante); Laplanche recusou a idéia universalista de um complexo de castração como operador obrigatório das posições de um sujeito desejante, afastando-se, neste ponto, de uma idéia que havia assumido, até mesmo na obra de Freud, um lugar já proeminente e que se pretendia inultrapassável.

Para encerrar, não deixaria sem afirmação uma aposta: as contribuições psicanalíticas de Jean Laplanche para os psicólogos sociais, contam entre as mais fecundas e talvez urgentes. Alfred Michaelis, em dissertação que tive o feliz compromisso de orientar (*O outro e a angústia – uma contribuição de Jean Laplanche para a psicologia social*, trabalho disponível na biblioteca do Instituto de Psicologia – USP), buscou favorecer essa aposta, e para lá remeto, então, os leitores interessados.